

UM OLHAR CALEIDOSCÓPICO DA SALA DE AULA A PARTIR DAS VIVÊNCIAS NUM PROJETO DE INTERVENÇÃO: relato de experiência ¹

Oswaldo Alves de Jesus Júnior ²
Telma Cruz Costa ³

RESUMO: O presente texto traz, em seu bojo, a discussão da experiência com o projeto de intervenção “Leitura, escrita e interpretação textual numa perspectiva lúdica”. Trata-se de um relato sucinto acerca dos entraves, desafios e conquistas dos momentos de interação dialógica com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma unidade educacional do Município de Euclides da Cunha/BA. Utilizou-se de teorias dos estudiosos Saraiva & Souza (2006), Rabelo (2012), Freire (2006), Feitosa (2009), dentre outros. Os resultados da ação interventiva sugeriram serem as oficinas pedagógicas uma forma eficaz na (re)construção crítico-reflexiva do conhecimento, um recurso oportuno para articular teoria e prática e obter significativos resultados, um desafio constante no cenário educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Olhar. Sala de aula. Vivências. Projeto de intervenção. Relato.

ABSTRACT: The present text discusses the experiences with an intervention project called “Reading, writing and text interpretation in a playful perspective”. This is a succinct account of some impediments, challenges and achievements occurred during the interaction with students enrolled in EJA (a youth and adult education program) at a school in Euclides da Cunha/BA. As a theoretical framework I used studies carried out by Saraiva and Souza (2006), Rabelo (2012), Freire (2006), Feitosa (2009) etc. The results of the interventional action suggest that the pedagogical workshops are effective in promoting critical thinking, an appropriate way to bring together theory and practice in order to obtain more significant results, a constant challenge in the educational scenario.

KEYWORDS: View. Classroom. Experiences. Intervention project. Account.

¹ O presente relato é fruto das observações feitas durante o desenvolvimento do projeto de intervenção “Leitura, escrita e interpretação textual numa perspectiva lúdica”, aplicado numa unidade (pública e municipal) de educação formal do Município de Euclides da Cunha/BA para atender a exigências avaliativas de conclusão do Componente Curricular Estágio II.

² Graduando (8º período) do curso de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia/UNEB, *campus* XXII, Euclides da Cunha-BA. *E-mail*: osvaldointellectual@hotmail.com. *Link* do currículo *lattes*: <http://lattes.cnpq.br/6959938093206117>.

³ Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Docente da UNEB, *campus* XXII, Euclides da Cunha-BA. *E-mail*: telmacruz@gmail.com. *Link* do currículo *lattes*: <http://lattes.cnpq.br/1700585439483445>.

1 ABORDAGEM INICIAL

[...] juntamente com o prazer que oferece, a leitura gera reflexão, faz germinar ideias, impulsiona o raciocínio, ensina silenciosamente a escrever e a falar com clareza, estimula a imaginação, amadurece a sensibilidade etc. (PERISSÉ, 2011, p. 5).

O presente texto é um relato de experiência elaborado a partir das vivências durante a aplicação do projeto de intervenção intitulado “Leitura, escrita e interpretação textual numa perspectiva lúdica”, desenvolvido numa unidade (pública e municipal) de educação formal⁴ do Município de Euclides da Cunha, sito no estado da Bahia, para atender a exigências avaliativas do Componente Curricular Estágio II, do curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A ação interventiva, simples em sua concepção e ambiciosa nos objetivos, foi articulada de acordo com as análises feitas no espaço educacional, que apontaram gritantes dificuldades em leitura e escrita, as quais direcionaram a construção de um projeto a fim de melhorar estas práticas na vida de diferentes estudantes.

É cediço que a leitura e a escrita são mecanismos de cidadania e inclusão social e que muitos indivíduos não apresentam/praticam estas ações em seus cotidianos, seja por causas institucionais – a escola não cumpriu estas tarefas educativas, seja por omissão da família, que não estimulou estas práticas. Nesse contexto, ficam suscetíveis à alienação e à dominação social.

Quem não sabe ler, não domina o ato de escrever e tampouco sabe interpretar textos, porquanto esses três atos estão imbricados em si. Quem lê desenvolve a criatividade, a imaginação, adquire culturas, aprende melhor, aumenta o vocabulário, tem melhor desenvolvimento profissional, comunica-se de maneira mais eficaz e aumenta o nível de criticidade, possibilitando a interpretação eficiente de diferentes tipos de (con)textos. Quem escreve aproxima-se de pessoas distantes, promove a inclusão e organiza melhor as ideias.

Assim, diante dos inúmeros avanços tecnológicos e do processo de globalização, não se pode admitir que jovens continuem a sair da escola sem saber ler e escrever ou sabendo e não colocando estas ações num plano prático.

⁴ É lícito esclarecer que o projeto de intervenção não foi desenvolvido em espaços não-formais em virtude do não funcionamento destes no período noturno na cidade de Euclides da Cunha (BA).

2 OBJETIVOS

O principal objetivo do projeto era fomentar o hábito de ler, escrever e interpretar textos através de atividades lúdicas reveladoras de que essas ações são imprescindíveis na vida social, profissional e escolar dos sujeitos participantes.

Para atender ao propósito mencionado no parágrafo anterior, necessário se fez: compreender o que é leitura e sua importância; desenvolver em adolescentes o hábito de ler com prazer; levar adolescentes a aprenderem a interpretar o que se lê, para saber se expressar e contar uma história; permitir ao adolescente o contato com diferentes tipos de textos; trabalhar a leitura de forma lúdica e interativa; ampliar a capacidade de interpretação de textos de maneira crítica e competente; demonstrar a importância da escrita para o desenvolvimento de uma sociedade; enumerar as múltiplas aplicações da escrita no dia a dia; validar a possibilidade de ser a ação produtora de textos uma forma de se obter felicidade.

3 METODOLOGIA

Para aprender precisamos querer aprender e nos envolver profundamente naquilo que desejamos aprender. Mais do que na relação bipolar professor-aluno, aprendemos em ambientes interativos, no trabalho, na prática, portanto na interação, na vivência. Somos aprendentes a vida toda. Quem para de aprender não deixa de ser um profissional; deixa também de produzir a sua própria existência. Quando deixamos de aprender, deixamos também de viver (GADOTTI *apud* FEITOSA, 2009, p. 34).

O projeto de intervenção foi aplicado por meio de oficinas pedagógicas, uma forma de se atingir aos objetivos propostos utilizando dinâmicas, jogos e brincadeiras. As oficinas consideram o ser humano como um organismo inteligente, em plena e permanente interação com o meio natural e social. A inteligência humana se desenvolve na prática dentro desse meio, sendo este um excelente instrumento na resolução de problemas, integrando a reflexão à ação (CANDAU, 1997, p. 105 *apud* SARAIVA & SOUZA, 2006, p. 23).

Destaca-se, ainda, que as dinâmicas e jogos cooperativos são um grande diferencial para as relações interpessoais e de aprendizagem em salas de aula que, ao serem refletidas e partilhadas, geram um aprendizado pessoal e grupal, contribuindo para o

autoconhecimento como ser único e social, o desenvolvimento da consciência crítica, o confronto e avaliação da vida e da prática e, dentre outros, na construção coletiva do saber (RABELO, 2012, p. 29-30).

De acordo com Fontana & Paviani (2009), uma oficina pedagógica atende, basicamente, a duas finalidades: (1) articulação de conceitos, pressupostos com ações concretas, vivenciadas pelo participante ou aprendiz; e (2) vivência e execução de tarefas em equipe, ou seja, apropriação ou construção coletiva de saberes. Nesse diapasão, deve-se frisar que o professor ou coordenador da oficina não ensina o que sabe, mas vai oportunizar o que os participantes necessitam saber, sendo, portanto, uma abordagem centrada no aprendiz e na aprendizagem. Desse modo, a construção de saberes e as ações relacionadas decorrem, principalmente, do conhecimento prévio, das habilidades, dos interesses, das necessidades, dos valores e julgamentos dos participantes.

Tendo em vista que a carga horária total do projeto foi de quarenta (40) horas, foram realizadas oficinas em séries (anos)/turmas distintas, sendo elas: 1. Eu amo ler: como tornar isso verdade?; 2. Banquete de leituras: experimentando distintos tipos de texto; 3. Só sobrevivo porque leio e interpreto o mundo; 4. Estimulando a interpretação textual por meio de canções da Música Popular Brasileira (MPB); 5. Todo mundo devia escrever; 6. Leitura é droga perigosa: vicia e nos enche de manias; 7. Entre asas e bota de sete léguas: o poder da leitura; 8. Literatura de cordel e as delícias dos sabores e saberes poéticos; e 9. Magia, história e sedução: estimulando a leitura por meio da contação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A modernidade e os avanços tecnológicos trouxeram inúmeras contribuições para o ambiente socioeducacional em que os seres humanos vivem e se transformam enquanto sujeitos sociais. Não obstante, concomitante a esses progressos, surgiram muitos problemas sociais oriundos do sistema capitalista que exclui e impõe à sociedade mundial inúmeras injustiças, as quais podem ser “corrigidas”, mitigadas ou por quê não dizer obliteradas via educação, via mundo dos livros. Enfim, patenteia-se que a leitura é um mecanismo de múltiplas vicissitudes: transmuta o ser que lê, seu universo, seu contexto e as pessoas com as quais este indivíduo que lê se relaciona.

Nessa perspectiva do poder transformador da leitura, foram desenvolvidas nove (09) oficinas, sendo que a maioria delas foi aplicada no período noturno, com discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com exceção apenas da oficina “Estimulando a interpretação textual por meio de canções da Música Popular Brasileira (MPB)”, que foi ministrada com estudantes do Ensino Fundamental I, do período vespertino do ensino regular.

O primeiro momento de encontro aconteceu na oficina “Leitura é droga perigosa: vicia e nos enche de manias”, na qual se fez uma ampla exposição sobre o ato de ler, demonstrando os motivos pelos quais ele deve se fazer presente na sociedade e na vida do cidadão. Elucidou-se “manias” que indivíduos apaixonados por leitura possuem, como “não viver sem um livro de cabeceira”, “entrar em crise de abstinência quando um livro acaba”, “devorar o livro numa noite”, “ler em todo e qualquer lugar”, “ler antes de dormir”, “presentear os amigos com livros”, dentre inúmeras outras.

Nesse momento de interação os estudantes participaram bastante. Era uma turma tranquila, sequiosa por aprendizado. Ressalta-se que esta oficina seria aplicada em quatro horas. Os discentes só tinham uma aula e concordaram em ficar na escola para participarem das atividades, as quais, segundo eles, foram importantes, pois houve muita aprendizagem imbricada com brincadeiras, o que tornou a construção do conhecimento uma prática mais prazerosa.

Na segunda oficina – “Entre asas e bota de sete léguas: o poder da leitura” – se trabalhou o ato de ler como fonte de imaginação e estimulador da fantasia. Para isso, realizou-se a leitura do conto “O pequeno polegar”, de Charles Perrault, como forma de mostrar o poder da fantasia na vida do ser humano. Encontrou-se um público-alvo apático, indisciplinado, que não viu muito sentido em participar de um momento lúdico. Uma quantidade ínfima de discentes se envolveu e destacou a energia e o dinamismo presentes na aula ofertada.

Em “Eu amo ler: como tornar isso verdade?” se revelou o pensamento de Paulo Freire (2006) presente em sua obra *A importância do ato de ler*, para o qual

[...] em uma sociedade que exclui dois terços de sua população e que impõe ainda profundas injustiças à grande parte do terço para o qual funciona, é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista enfaticamente sob o ângulo da luta política a que a compreensão científica do problema traz sua colaboração (2006, p. 9).

Os estudantes, apesar de estarem bastante eufóricos, participaram com muito entusiasmo do momento. Brincaram, divertiram-se e aprenderam que ler é transformar, que a

leitura de mundos criados/imaginados por outras pessoas muda a vida, a existência humana, o (con)texto em que vive o ser humano de maneira geral.

“Só sobrevivo porque leio e interpreto o mundo” foi a quarta oficina desenvolvida. Nela se trabalhou a ideia de que a leitura possui vários desdobramentos, pois aquele que lê adquire mais conhecimentos, renova seu vocabulário, aumenta sua capacidade imaginativa e percebe/pensa o mundo de maneira diferenciada. Revelou-se, ainda, que tudo que existe neste universo pode ser interpretado: as pessoas, os objetos, a natureza, enfim, a vida no sentido lato do termo. Interpretar faz parte do cotidiano do homem e dele é indissociável. É uma questão de sobrevivência. O ser interpreta para viver.

Encontrou-se, no quarto encontro, discentes extremamente apáticos, com pouca ou quase nenhuma vontade de participar da oficina temática. Conseguiu-se aplicar poucas atividades planejadas, haja vista a desmotivação dos discentes. Por se tratar de um momento lúdico, um estudante afirmou que não tinha feito nenhuma atividade.

A quinta oficina pedagógica – “Todo mundo devia escrever” – pôs em análise outra prática “temida” por muitos estudantes: a escrita, que necessita, assim como a leitura, ser incorporada ao cotidiano. O maior objetivo do momento foi desvelar o fato de que escrever bem é uma atividade que demanda tempo, estudo, dedicação, vontade e outros tantos requisitos necessários a produção de textos coerentes e coesos.

Nesse encontro os discentes participaram das dinâmicas, mas resistiram em se envolver em atividades de produção textual, alegando que escreviam constantemente durante as aulas de várias disciplinas. Novamente, pouco do planejado foi desenvolvido.

Mesmo com alguns obstáculos presentes nos encontros com as turmas da EJA, pode-se destacar que nessas houve, mesmo que de forma mínima, um interesse em participar das ações propostas, fato que não existiu quando se aplicou a oficina “Estimulando a interpretação textual por meio de canções da Música Popular Brasileira (MPB)”, na qual os estudantes eram extremamente indisciplinados, não queriam participar de nada e saíram da sala correndo, desrespeitando, inclusive, a professora regente de Língua Portuguesa.

O encontro tinha como objetivos favorecer aos estudantes um contato prazeroso com canções da MPB, conhecendo aspectos históricos destas composições e expor a importância de se ter um olhar profundo sobre os distintos textos que são lidos cotidianamente, pois, como salientam Cereja, Cleto & Magalhães (2009) na obra *Interpretação de textos*,

No mundo em que vivemos, o texto perpassa cada uma de nossas atividades, individuais e coletivas. Verbais, não-verbais ou mistos, os textos se cruzam,

se completam e se modificam incessantemente, acompanhando o movimento de transformação do ser humano e suas formas de organização social.

É por meio de textos que convivemos com outras pessoas, próximas ou distantes, informando ou informando-nos, esclarecendo ou defendendo nossos pontos de vista, alterando a opinião de nossos interlocutores ou sendo modificados pela opinião deles. Por intermédio deles inventamos histórias, relatamos nosso cotidiano, transmitimos nossos conhecimentos. É pelos textos que se expressa toda forma de opinião, de informação, de ideologia.

Mas não basta apenas produzir ou receber textos. Neste mundo de diferentes linguagens e mídias, é preciso compreendê-los, relacioná-los, interpretá-los. A interpretação desses textos torna-se essencial para nos transformarmos em leitores competentes e nos inserirmos nas inúmeras práticas sociais de linguagem, seja navegando na internet, seja lendo um artigo científico ou uma história em quadrinhos, seja lendo gráficos e tabelas de economia (CEREJA, CLETO & MAGALHÃES, 2009, p. 3).

Em “Literatura de cordel e as delícias dos saberes e sabores poéticos”, cujo objetivo era mostrar aos discentes que a literatura não está restrita a livros clássicos, expor o cordel como uma literatura que diverte leitores, transformando em humor uma realidade, fez-se uma interface com o Dia Mundial do Meio Ambiente, porquanto a oficina fora aplicada no dia 05 de junho. O público-alvo participou das atividades planejadas e se envolveu na declamação de versos em cordel.

Em “Banquetes de leituras: experimentando distintos tipos de texto” se expôs para o público-alvo a importância de se conhecer distintas tipologias textuais. Os discentes participaram, questionaram bastante, envolvendo-se de maneira intensa nas atividades coletivas que foram realizadas.

Por fim, aplicou-se a oficina “Magia, história e sedução: estimulando a leitura por meio da contação”, ministrada na primeira turma com a qual os interventores tiveram contato. O momento teve como objetivo geral estimular o ato de ler por meio da contação de histórias. Contou-se histórias de Marina Colasanti, Ana Maria Machado e Chico Buarque.

A última oficina pode confirmar o pensamento de Torres & Tettamanzy (2008), para as quais

Ao utilizar-se a contação de histórias, todos saem ganhando, sejam os ouvintes, que serão instigados a imaginar e criar, seja o contador, que terá a oportunidade de recriar um ambiente de resgate da memória. E, ao pensarmos na escola, tanto os alunos como os professores terão uma aula muito mais atrativa e motivadora. Assim, quem mais sai ganhando é, na verdade, a sociedade, que receberá cidadãos mais criativos e capazes de conviver com a diversidade (2008, p. 1).

Entrar em contato com estórias por meio da contação foi algo que gerou fascínio nos discentes, os quais revelaram que se tratava de uma novidade para eles escutar um texto narrativo observando-se a performance de quem o apresenta. Houve um engajamento maior e demonstrações orais do encantamento por esta arte.

5 AVALIAÇÃO

O ato de avaliar se consitiu numa ação imprescindível dentro de um projeto de intervenção didático-pedagógica. É através dele que se pode diagnosticar as falhas, os pontos mais significativos do projeto e a aplicação dos objetivos prefixados. A avaliação da proposta interventiva foi feita pelos sujeitos que dela participaram, os quais pontuaram as falhas, os êxitos e emitiram juízos de valor acerca das atividades desenvolvidas.

As nove oficinas aplicadas foram pensadas de forma que os três temas cernes do projeto fossem discutidos de maneira prazerosa, envolvendo os discentes, convocando-os a pensarem, coletivamente, a indiscutível importância do ler, escrever e interpretar num mundo globalizado, injusto e excludente.

Os resultados das oficinas sugeriram ser esta metodologia uma forma eficaz na (re)construção crítico-reflexiva do conhecimento, um recurso oportuno para articular teoria e prática e obter significativos resultados, um desafio constante no cenário educacional. Apontaram também que os processos de aprendizagem devem sempre estar permeados de ação e reflexão.

Os depoimentos dos estudantes, durante as oficinas pedagógicas e por ocasião dos seus encerramentos, levaram a crer que houve resultados positivos e repercussões significativas. Dentre elas, destacam-se a aquisição de conhecimentos por intermédio de atividades práticas, o dinamismo, a energia e o entretenimento presente nas aulas, bem como as mensagens satisfatórias/interessantes transmitidas e o desejo de continuidade das oficinas.

6 INFERÊNCIAS INCONCLUSAS

As oficinas pedagógicas aplicadas para atender/cumprir aos objetivos elencados no projeto de intervenção foram importantes para a compreensão/entendimento do homem enquanto ser relacional, que se (re)cria e transforma a partir do contato com o outro, dada a sua incompletude (FREIRE, 2006). Serviram, outrossim, para compreender num plano prático que educar é uma atitude de reciprocidade e acolhimento.

Patenteou-se que a realização de atividades lúdicas em sala de aula se configura como uma das metodologias que pode auxiliar os professores na realização de seu trabalho pedagógico. Existem inúmeros benefícios que o educador pode obter com essas atividades, dentre os quais ganham relevo o desenvolvimento do raciocínio lógico/autonomia e da capacidade de criação.

Com as vicissitudes do mundo hodierno, a sala de aula e outros ambientes de ensino necessitam ser redimensionados, uma vez que algumas metodologias de outrora não podem ser mais aplicadas. Para um mundo novo, necessita-se de técnicas/caminhos diferentes. O que antes prendia a atenção dos estudantes, hoje pode não ter rendimento/significado. É nessa linha de pensamento que se notou a importância da curiosidade, da invenção, da inovação, do lúdico, para atender a essas novas tendências de pensamento.

Houve a incorporação de novos elementos teórico-práticos à vida profissional e acadêmica dos universitários que participaram e se envolveram no projeto com o intuito de transformar uma realidade que inviabiliza um bom desenvolvimento de ações de professores de distintos componentes curriculares.

Trabalhar a leitura, escrita e a interpretação de con(textos) com um público que pouco põe em prática estas ações foi uma tarefa árdua. O grupo se deparou com obstáculos diversos, que foram desde a resistência em participar das atividades propostas a não identificação com a metodologia aplicada.

Malgrado todos os entraves, observou-se que o trabalho com atividades lúdicas traz, em seu bojo, gratificantes e profícuos resultados. Quarenta horas de envolvimento com discentes de uma comunidade educacional foram insuficientes para demonstrar o imensurável poder da leitura, do escrever no cotidiano e de se posicionar de maneira crítica frente à realidade, mesmo assim se pode elucidar, fazer um convite para o envolvimento com estas práticas edificantes, capazes de mudar o ser humano.

Considera-se que, após o projeto de intervenção, não se pode apontar conclusões, visto que um processo foi iniciado, será aperfeiçoado pelos discentes participantes e trará frutos eivados de muita alegria, contentamento e liberdade. Assim, preferiu-se afirmar que inferências inconclusas podem ser levantadas e comentadas.

Destaca-se que o espaço pedagógico, como ponderava o eminente educador Freire (2006) é um “texto” que necessita constantemente ser lido, interpretado, (re)escrito. Por isso, a escola só será um ambiente onde a leitura/escrita prevaleça quando os sujeitos de aprendizagem (educadores e educandos) a perceberem como tal. Os primeiros precisam ser estimuladores, criar ambientes capazes de motivar e convidar os discentes ao fantástico universo dos livros. Aos segundos, é imprescindível a percepção do ato de ler/escrever como libertação, aquisição de saberes, transformação social e individual.

Destarte, nota-se que não existem “metodologias mágicas” capazes de transformar uma circunstância preocupante em um ambiente admirável, mas há muitas possibilidades abertas à escola, à família, aos estudantes e aos docentes para mudar a realidade de leitura/escrita e interpretação de texto no país, entre as quais se destaca a ludicidade.

REFERÊNCIAS

CEREJA, William Roberto; CLETO, Ciley; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Interpretação de textos: construindo competências e habilidades**. São Paulo: Atual, 2009.

FEITOSA, Sônia Couto Souza. **Proposta curricular para Educação de Jovens e Adultos do Município de Osasco**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

FONTANA, Niura Maria; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. In: *Conjectura*, v. 14, n. 2, maio/ago., p. 77-88, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PERISSÉ, Gabriel. **Ler, pensar e escrever**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

RABELO, Edigleide. **Maneiras criativas de ensinar: dinâmicas de grupo e jogos cooperativos para Ensino Fundamental I e II**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SARAIVA, Emerson; SOUZA, Kelly Christiane. **A metodologia de oficinas pedagógicas na formação continuada de pedagogos**. Manaus: Valer, 2006.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. In: **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Porto Alegre, v. 04, n. 01, jan/jun., 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/5844/3448>. Acesso em 13 de julho de 2013.